



HORIZONTE

JORNAL DO BATALHÃO 2908

Janeiro - 1970 • Responsabilidade do Comando B. C. 2908

Composto e impresso na
Gráfica da Casa dos Repozes
Vienna do Castelo N.º 1

JORNAL «HORIZONTE»

Mensagem

Ao definir-se a linha de O HORIZONTE, tal como se o sol estivesse a nascer e o chilreio dos pássaros riscasse o ar fresco da manhã, o Comando do Batalhão de Caçadores n.º 2908 vem exprimir aos seus Oficiais, Sargentos e Praças, o desejo veemente de corresponder, por todos os meios ao seu alcance, às exigências das Missões que lhe vão ser confiadas, baseado no valor e na excelência de seus homens.

Como Unidade estruturada para o combate no Ultramar, e tornando-se este, cada dia que passa, de maior responsabilidade, o Comando tem de contar com a união de todos, e responder à chamada como um só homem, coeso e fortalecido pela disciplina de um Querer inquebrantável, capaz de fazer desmoronar todos os obstáculos que se lhe opuserem.

É relativamente fácil defender a Pátria pela palavra ou pela escrita. É muito difícil defendê-la com armas na mão. É mais difícil ainda conduzir essa Defesa. Sabe-o quem já suportou dias, semanas e até meses, rastejantes, sob as espinheiras ou submerso nos charcos, sob torrentes escaldantes do jogo inimigo. Sabe-o quem já, sob essas condições, teve de decidir, de orientar, de prevenir.

Esperam-nos pois, tarefas muito árduas, que terão de ser cumpridas, custe o que custar, mas também nos esperam as alegrias da camaradagem, da abnegação, da solidariedade. Regressaremos mais cônscios, mais tolerantes, mais Homens.

Neste seu primeiro número, O HORIZONTE, jornal do Batalhão de Caçadores n.º 2908 abre pois o seu activo com esta despretenciosa mensagem do seu Comando, que afinal se poderá sintetizar na divisa que herdou de seus antepassados: Sempre Excelentes e Valorosos.

O COMANDO

Diálogo com o leitor

Tem por finalidade este Jornal levar a todos os leitores algo de útil e interessante. Como é evidente, cada um gostaria que trouxesse coisas do seu exclusivo agrado. Mas toda a publicação, qualquer que ela seja, terá de encerrar um conteúdo ao nível da preferência média dos seus leitores. Assim, muitas vezes, o que agrada à maioria pode não ser apreciado por uns tantos. No número seguinte, esse leitor menos satisfeito poderá encontrar no seu Jornal motivos de interesse, que o compensem de frustrações anteriores, quem sabe, se em prejuízo de quem antes se dera por satisfeito.

Foi baptizado «nosso Jornal» com o nome de «Horizonte». Nome sugestivo. Ao serviço de todos, tentará alargar as nossas perspectivas, porventura definidas, à minguia de preconceitos ou de falta de cultura.

Será elo de ligação entre todos os homens do nosso Batalhão. Não haverá um só homem, por mais humilde que seja, que não esteja presente no nosso espírito, e pode contar, da parte dos seus superiores, com todo o acolhimento e toda a boa vontade.

Nos seus «Horizontes» o nosso Jornal será o veículo de uma mensagem de fraternidade e de humanidade. Oxalá, encontre leitores atentos que sejam homens de boa vontade. Para criar aquele espírito de corpo «todos por um e um por todos» é precisa uma base humana que é o segredo de todos os êxitos.

Fazemos votos para que o «Horizonte» chegue às vossas mãos todos os meses, a não ser que a afluência de artigos seja de tal ordem e a sua utilidade comprovada e então passaria a ser quinzenal.

Constará de várias secções: cultura, desportos, passatempos, história, poesia, literatura, contos, etc.. Serão feitos uns «jogos florais» em que serão premiados os melhores contos e as melhores poesias.

Em traços largos serão estes os horizontes do nosso Jornal.

Nota da Redacção

... PARABÊNS A VOCÊ...
 NESTA DATA QUERIDA...
 MUITAS FELICIDADES
 MUITOS ANOS DE VIDA...

No mês de Fevereiro vamos ter muitos aniversários. Como se trata de uma data, para todos os festejados, de alto valor e de grande significado quer o nosso Jornal associar-se a essa data festiva, publicando o nome dos festejados, para que não sejam esquecidos por ninguém.
 A todos os abaixo assinados Parabéns!
 Muitas felicidades! Muitos anos de vida!

Nota da Redacção

Mês de Fevereiro (continua)

1.º Cabo	09712969 — 2668	DIA 2 — Torcato Pereira Carvalho
1.º Cabo	14615469 — 2668	> — Jorge Bastos de Sousa
Soldado	08609469 — CCS	> — António Fernandes
Soldado	13372169 — 2668	> — António Pereira dos Santos
1.º Cabo	09545869 — 2668	> 3 — Augusto César da Conceição
Soldado	01596267 — 2667	> — Antínio da Conceição Barreiros Gonçalves
1.º Cabo	07916369 — 2667	> 5 — Ilídio dos Reis Santos
Soldados:	06060569 — 2668	> — Oscar Manuel Vieira Gonçalves
>	19081-69 — 2669	> — Francisco Coutinho Gonçalves
>	09661069 — 2667	> — José Manuel Certal
>	03338769 — CCS	> — Manuel Maria Gonçalves
1.º Cabo	10856369 — 2668	> 10 — José Carlos da Costa Pereira
Soldado	03863969 — 2667	> — Jesuino Freitas da Silva
1.º Cabo	14768669 — 2667	> 11 — José Manuel Pereira da Lage
Alferes Mil.º	0583967 — 2668	> 14 — Jaime Dias Rodrigues Cunha
1.º Cabo	06962169 — 2667	> — Joel da Luz Inácio Fanqueiro
Soldados:	09576869 — 2667	> — António da Rocha Araújo
>	10770569 — 2668	> — José Maria de Matos Torres
>	1237969 — 2669	> — Manuel Moreira
>	13404369 — 2669	> — Manuel Moura de Freitas
>	02512169 — CCS	> 15 — Celso Ferreira
Alferes Mil.º	04514267 — CCS	> 16 — Emídio Augusto Ferrão da Costa Rodrigues
>	19462869 — 2667	> — Alvaro Rodrigues Pinto
1.º Cabo	1184569 — 2668	> 17 — Agostinho Monteiro Valadares
Soldado	09333569 — 2667	> — Torcato Enerto Faria de Azevedo
>	01958669 — CCS	> 19 — Eduardo Gonçalves Sêco
>	02035565 — 2669	> — João António de Almeida e Silva
1.º Cabo	10516869 — CCS	> 20 — Joaquim da Silva Vaz
Soldado	12724469 — 2669	> — José Maria Lima Correia da Costa
2.º Sargento	50088611 — 2669	> 21 — João Machado Ferreira
Soldado	01774669 — 2669	> — Manuel Pestana dos Santos
>	11528369 — CCS	> 22 — João Eugénio dos Santos Maranhão
>	023391069 — 2669	> 23 — Francisco António Dias Lourenço
>	05050269 — 2667	> — José Maria da Silva
>	09602764 — 2667	> — Domingos Folhas Vieira
Furriel Mil.º	00130469 — 2669	> 24 — António Manuel Chêu
1.º Cabo	08687069 — CCS	> — José de Oliveira Barreto
Soldado	00453769 — 2667	> — Abílio da Silva Arantes
1.º Cabo	05604569 — CCS	> 25 — António Augusto Teixeira Gonçalves
1.º Cabo	08324269 — 2667	> — António Gomes de Barros
Soldado	00429569 — 2667	> — Manuel Mendes de Macedo
>	1656769 — CCS	> — Amadeu José Valente
>	10724869 — 2668	> 27 — Serafim Pinto Nogueira
>	12044369 — CCS	> — Manuel Gomes
>	09602969 — 2667	> 28 — Avelino José Soares Machado

SER SOLDADO

Pelo Soldado SIDÓNIO MACHADO
 n.º 079210/69

Na hora presente em que a incerteza e a insegurança assentaram arraiais em tantos espíritos lembrei-me de afloar um assunto que, pela importância de que se reveste, nunca será por demais debater: «Ser Soldado».

Desde a entrada nas fileiras, o jovem camponês ou cidadão, culto ou analfabeto, rico ou pobre, sofre uma transformação profunda.

Enverga uma farda, obri-

ga-se ao cumprimento de todos os deveres militares, toma as suas refeições a horas certas, sofre privações a toda a hora, aprende a manejar armas de cuja existência nem sequer suspeitava, submete-se a uma disciplina rigorosa.

Ao mesmo tempo é mentalizado com as noções de Pátria, Bandeira, Estado, Sociedade e Família, Dever e Disciplina. De todo este con-

junto de noções, de situações, de emoções e de novos conhecimentos resulta uma figura de Homem e de Soldado.

Que significa esta transformação? Que representa para a Nação o aparecimento de um Soldado?

Em primeiro lugar o Soldado surgiu por uma necessidade de defesa imediata. Desde os tempos primitivos que qualquer corpo social organizado teve de enfrentar situações de perigo resultante da ambição dos povos vizinhos. E a História prova que os países que melhor preparados estavam para enfrentar tais situações foram sempre os que dispunham de verdadeiros soldados bem apetrechados moral e materialmente.

Mas o soldado, com o evoluir dos tempos foi-se transformando numa figura sublime que encarna as ideias do seu Povo. O Soldado passou a ser o símbolo da Nação.

Reune em si todos os defeitos e virtudes do seu Povo.

O Soldado português não podia fugir à regra, antes, pelo contrário, a confirma em todas as frentes de Batalha e em todos os períodos agitados da vida Nacional. É ao Exército que os Políticos recorrem para o saneamento da vida social e para a manutenção da ordem e para o reencontro com os valores perenes da sociedade ameaçada.

Por isso é que, em cada soldado, mais do que o número, ou a farda que veste, conte o seu valor moral, militar e cívico.

Quando um soldado não se entrega abnegadamente à sua nobre e elevada missão é como se todo o corpo glorioso a que ele pertence «O Exército Português» sofresse no seu íntimo um atentado e uma violação. A Nação sente-se ultrajada nas acções menos dignas daqueles a quem confiou a defesa dos seus valores mais sagrados.

O soldado valoroso é alegria do seu Povo. Desta maneira, poderá orgulhar-se de si próprio e dizer desassombradamente:

Pátria Bem-Amada
 Não desmereci a confiança dos teus filhos.

VIANA DO CASTELO -- Princesa do Lima |

Pelo Alferes Miliciano
JOSÉ M. G. PEREIRA

Quem nunca veio a VIANA; quem durante alguns dias não viveu e não passeou nesta ridente e amorável região privilegiada das églogas e das pastorais, não conhece de Portugal a porção de céu e terra mais viva e alegre, mais luminosa e mais cantante.

Não admira que o povo minhoto seja, por excelência, o povo da saudade. Vai por esse mundo, gemendo e chorando, ganhar o pão de cada dia. Leva consigo o espinho da saudade, e, por mais que passem os anos tem a certeza de que um dia há-de voltar.

E, então, quem tem alma de poeta, mais enamorado fica por este cantinho de Portugal onde «a terra acaba e o mar começa».

António Feijó, no seu exílio de ESTOCOLMO, sentindo em si o peso amargo da saudade que o enloutou, escrevia:

*«Nasci à beira do Rio Lima
Rio saudoso, todo cristal;
Dai a angústia que me vitima
Daí deriva todo o meu mal.*

*«E que nas terras que tenho visto,
Por toda a parte por onde andei,
Nunca achei nada mais imprevisto,
Terra mais linda nunca encontrei.»*

A cidade de Viana é a capital condigna desta região. O viajante desprevendo, é logo agradavelmente surpreendido, pelo aspecto da gare, uma das mais belas do país. No dizer de Ramalho Ortigão «uma única impressão amarga paira sobre o espírito dos viajantes ao encontrarem-se dentro deste vasto edifício; o desgosto de serem tão poucos para tanta casa.»

Logo de seguida, o turista, desejoso de fortes emoções, e, de sentir a beleza da natureza, por Deus criada para ser o berço da eternidade para os homens de boa vontade, começa a percorrer os intermináveis torcéolos da montanha, que o conduzem até ao cimo do Monte de St.^a Luzia.

Ao espriar os seus olhos, ao ver tanta beleza ajoelhada a seus pés, ninguém pode deixar de consentir que lhe aforem aos lábios as palavras do Poeta:

*«Oh felicidade, aspiração suprema
de toda a humanidade*

*Bondade, beleza, contentamento,
— Qualquer que seja o nome que
[te dêem
E sempre qualquer coisa por que
[todos nós
suspiramos eternamente.»*

Vista do alto, VIANA parece a «A Bela Adormecida» requintadamente vestida com os seus trajes folclóricos, a senhar os seus amores.

Parece que a natureza se compraz em brindar com a taça da beleza todos os que a ela acorrem. É o parecer comum cantado em verso por António Feijó:

*«Chego, e, diante de mim, onde
[a vista se perde,
Em minha honra, abrindo o festivo
[tesouro,
A terra estende a sua toalha
[verde
E o céu acende os seus candela-
[bros de ouro.»*

A gente é afável, hospitaleira, carinhosa e servicial. É o povo de Viana — diz Frei Luís de Sousa — dotado de

um particular zelo do bem da sua república; e no que toca ao comum, ainda que uns com os outros andem desavindos, logo são unidos e conformes, e onde sentem ser necessários sabem não perdoar diligência, nem trabalho, nem despesa.

A seguir, por meio de uma frase bem feita, o biógrafo do Arcebispo dá a entender que os de Viana são desconfiados. «Acautelem-se sem o darem a entender.» Quanto a desconfiados — comenta o autor de «As Farpas» — devem sê-lo os Vianenses, como todos os Minhotos.

É esse o defeito característico que mais os distingue dos seus vizinhos Transmontanos. Quem bate a uma porta do minho, tem a certeza noventa vezes sobre cem, as seguintes perguntas:

«Quem está aí?... Quem é o Senhor?... Quem procura?... Que lhe quer?... Quem bate a uma porta em Trás-os-Montes tem iguais probabilidades de ouvir uma única resposta: «Entre quem é...»

Cada um tem os defeitos das suas virtudes e as boas qualidades dos seus defeitos. Dizem-me — continua Ramalho Ortigão — que não há terra de menos intriga do que esta, e, facilmente o creio, perante a leitura dos seus periódicos, nos quais,

durante oito dias consecutivos que eu aqui os li se não descompôs ninguém».

Vista por dentro, a cidade é encantadora de modéstia, rica de monumentos arquitectónicos e duma simplicidade impressionante que não pode deixar de ferir o forasteiro habituado ao ruído das grandes Metrôpoles, e à vida nocturna dos grandes centros urbanos.

As suas velhas ruas estreitas e contorcidas, fecundas em motivos de decoração arquitectónica, convergem para a Praça principal, destinada por D. Manuel, que a edificou, para as festas públicas.

O seu grande Chafariz e a fachada histórica do palácio da Misericórdia, emprestam-lhe uma beleza que ainda hoje a tornam frequentada. As Igrejas e Conventos com o seu aspecto austero mas eloquente, falam-nos da fé de quem as construiu e de quem nelas rezou, e da vida austera de quem neles viveu. No Convento de Santa Cruz viveu e morreu o grande Arcebispo português D. Frei Bartolomeu dos Mártires que podemos canonizar como o pioneiro da contestação ao afirmar desassombradamente, em pleno

Continua na página 7



Rancho Folclórico de Santa Marta de Portuzelo



Panorama Desportivo e Vaticínio

O Sporting Clube de Portugal, pelo equilíbrio de forma de todas as peças do seu xadrez futebolístico, pela força moral que tem revelado ao longo de toda esta época, pelo seu constante querer que revela uma mentalização para a vitória, o Sporting será o virtual campeão de 1970. Pelo menos tem todas as qualidades de campeão.

Parabéns aos Sportinguistas.

Também o nosso jornal «Horizonte» vem lançar a ideia dum campeonato entre as companhias cujo vencedor será galardoado com um troféu.



O VALOROSO CONJUNTO DO SPORTING CLUBE DE PORTUGAL

CONTO

Por JORGE ALEXANDRE — Furriel Miliciano

Hoje voltei ao monte, ao nosso monte, e corri como em tempos o fazia na tua companhia, pelo mar de flores; colhi mesmo um grande ramo daqueles malmequeres amarelos, dos quais sempre escolhia um que teria a honra de ser colocado nos teus longos cabelos, preso no travessão dourado, lembras-te? Que bem te ficava, e não te furtavas a uma mirada despercebida no espelho do pequeno lago formado pelas águas que corriam da fonte, ela ainda existe, sabes? — Senti vontade de chorar ao vê-la, quase totalmente destruída, por certo foi obra das últimas inundações; mas os corações com os nossos nomes, que gravei na pedra, lá continuam.

Depois, sentado à sombra do eucalipto grande, aquele ao qual eu subia, demonstrando-te a minha destreza, e, do qual certa vez caí, o que me valeu, e com a sorte pelo meu lado; um pulso deslocado, e os braços e pernas, como se tivesse acabado de disputar renhida luta com gatos bravos, vi, correrem atrás duma grande borboleta, dois miúdos; teriam à volta de doze anos, e caso curioso, pareceu-me ver, no rapaz, grande semelhança comigo quando da idade dele, e na menina, foi como se revesse a foto que me ofereceste, tirada no dia em que completaste 13 anos. Correram pelo tapete de flores, to-

pando ora nas pedras, ora numa raiz de árvore, e a pobre borboleta, cansada, rendeu-se por fim. Ele apanhou-a pelas asas e com ar triunfante ofereceu-a à companheira; mas devem ter chegado a acordo quanto à sua libertação, pois pouco tempo passado, vi o lindo insecto levantar trôpego voo das alvas mãozitas da menina.

Logo retomaram a correria até à entrada da quinta, guardada por aquele cão muito grande, do qual tu tanto medo tinhas, não resistindo contudo à tentação de o atihar, para a seguir, te agarrares a mim, pedindo que te protegesse, embora ele estivesse amarrado com grossa corrente de ferro; e aí, no reino dos malmequeres brancos, o miúdo colheu um e colocou-o no cabelo da garota. Eu, senti desejo de lhe chamar a atenção, para que escolhesse antes um dos amarelos, os teus preferidos, mas acabei por concordar que naqueles cabelos negros, seria essa a flor indicada; e lá foram, como pássaros, saltitando, de mãos dadas, descendo o monte até ao rio, e como nós o fazíamos, declararam guerra às rãs, que se lançavam lestras à água esverdeada, ao senti-los aproximar; depois, foram as sandálias descalçadas e a seguir, as calças e a saia encharcadas, pois havia sempre um ponto em que o rio pregava a partida, de ser mais profundo do que aparentava. Pouco tempo decorrido, e nas

mãos de cada um, a vitória; as rãs faziam um esforço desesperado para se libertarem, mas estavam condenadas a mudar de lar, e lá as foram mergulhar, por entre gritos de alegria, no lago da fonte; após mais uns momentos observando as peripécias dos verdes batráquios na água, lá partiram ambos, sempre correndo, levantando nuvens de pequenos gafanhotos à sua passagem, eu do meu posto, segui-os com o olhar, até desaparecerem para lá das primeiras casas da vila, e do meu coração, um mudo agradecimento lhes lancei, pela felicidade que me acabavam de dar, fazendo-me recordar o tempo em que todo o monte nos pertencia.

Penso que gostarias de ter assistido comigo, a tudo isto, e talvez me engane; talvez traves uma luta tenaz para esquecer o passado, e... já nada recordes. Vês? estou confuso, o teu silêncio, faz-me pensar que os caminhos que cada um de nós trilha, jamais voltarão a cruzar-se; apetece-me gritar pelo teu nome e ouvir o eco responder repetidas vezes, como que, tentando lembrar-se desse nome que há tanto tempo não ouve; ainda deixo escapar um chamamento, mas apenas a passarada que procura lugar recolhido para passar a noite, me respondeu.

...E noite, o silêncio é agora cortado apenas, pelo piar triste

dos mochos, um dos quais, escolheu o velho eucalipto como «muro de lamentações», e também pela desafinada orquestra das rãs que parecem procurar toscamente aprender, a lição de canto que as cigarras com grande paciência, lhes ministram. Na noite, o teu silêncio pesa-me ainda mais; desalentado, levanto-me e desço pela primeira vez, sem ser em louca correria, o nosso ...não, o monte daquelas duas crianças que tão bem o souberam conquistar, e, com um sorriso de compreensão, aceito a derrota.

...Ao fundo, na vila, as esplanadas dos cafés, já se encontram repletas, pois a noite cálida, convida a um pouco de cavaqueira e a «molhar a palavra» com uma cerveja fresquinha, e não falta quem proteste que ela não está tão fresca quanto devia.

Sento-me a uma das mesas, onde já se encontra um grupo de amigos, falam da guerra do Vietnam, da guerra de Biafra, e de muitas outras guerras; perguntam-me a opinião, e, confundidos vêm-me levantar, pagar a cerveja ainda intacta e descer a avenida, sem rumo, deixando espelhar-se-me nos olhos, todo o desprezo pela triste realidade do mundo... Mas, afinal, que culpa tinham eles, da minha visita ao nosso ...ao monte dos dois meninos?

MOÇAMBIQUE

Por ANTÓNIO FERREIRA DE GOVEIA — Professor

«A presença dos nossos soldados no Ultramar Português são a prova mais evidente de que ali, queremos a paz».

Quando, a 10 de Janeiro de 1498, a Armada de Vasco da Gama chegava à foz do que então se chamava Rio do Cobre, Moçambique, representado nos nativos ali presentes, apresentava-se à tripulação, como *Terra de Boa Gente*.

Era, no entanto, o Moçambique dos costumes e das tradições ancestrais; das superstições esmagadoras dum povo dominado pelos espiritos que o regiam e subjulgavam; do Moçambique do arco e da seta, das palhotas e da vida rude de caçador; do Moçambique onde o homem, a par da fera, mais não conhecia do que os limites fechados do seu Meio e da sua Tribo.

* * *

Hoje, quando aportamos em Moçambique, temos logo a convicção de estarmos ainda em terras de boa gente, mas gente que se transformou e, com ela, todo o complexo das actividades humanas.

● Moçambique interporto de ligações comerciais entre muitos países do mundo

«O porto de Lourenço Marques possui um cais acostável de 2 200 m. de extensão com capacidade para atracação de 17 navios de alto mar a um tempo. Possui mais de 50 guindastes eléctricos; duas pontes carvoeiras com o potencial de carregamento de 10 000 t. por dia; avultada capacidade de armazenagem; abundante material de tracção; um grande frigorífico; em suma, uma exploração industrial perfeitamente actualizada e tecnicamente eficiente».

Os seus portos, por onde entramos, portas abertas à civilização e ao progresso industrial e comercial, são modernos e bem apetrechados. Além de servirem o bem da comunidade lusiada, garantem o abastecimento dos po-

vos limítrofes à Província e o escoamento dos seus abundantes produtos. Os de Lourenço Marques, Beira e Nacala são bem o índice dum progresso cujo futuro se prevê, mas não se pode concretizar.

Destes portos, saem as linhas férreas que irrigam o nosso continente e estabelecem comunicações com os países vizinhos: África do Sul, Rodésia, Zâmbia e Malawi.

Situada na vertente oriental do continente africano e, em ligação directa com o Índico, e numa extensão de costa superior a 2 700 km., esta Província é o interporto de ligações comerciais entre muitos países do mundo.

● Moçambique encetou, firme e seguro; os passos do futuro

Além das comunicações por via férrea, a circulação interna da Província beneficia de imensas estradas que a cada ano se renovam e se ampliam; de carreiras aéreas que aproximam terras e centros mais distantes; e de rios que, em grandes extensões, drenam o solo português daquelas paragens índicas.

Se a rede de comunicações internas são o índice e a base do

progresso dum país, podemos orgulharmo-nos de que Moçambique encetou, firme e seguro, os passos do futuro.

● Cabora-Bassa, o padrão afeirador, do futuro industrial da província

A sua indústria é já, mais do que promessa, autêntica realidade.

Na Matola — «a nova cidade industrial» — os milhares de operários, pretos e brancos, cruzam-se e entrecruzam-se nas ruas, levando no rosto a alegria compensadora dum trabalho fecundo e a esperança dum dia melhor no presente e no futuro.

No interior da Província, as indústrias transformadoras, beneficiando também do mesmo ímpeto de progresso, dependem, no geral, da agricultura. Consoante a região, vemos desenvolver-se a açucareira, o descasque do arroz, o tabaco, os sabões, o algodão, os óleos (de ricino, de algodão, de amendoim, de gergelim, de mafura), etc..

Se quisermos vislumbrar, na penumbra do futuro, o surto de progresso industrial que se avizinha, o farol que nos há-de alumiar é o que se projecta no vale do Zambeze — Cabora-Bassa.

● Agricultura, principal actividade económica da província

«A região do sul é rica em condições para o desenvolvimento da criação do gado».

Só em 1963, no que diz respeito ao gado vacum, o total de cabeças foi de 1.127.280».

Dada a variedade do seu relevo e a sua diferenciação climática, Moçambique possui aptidões ricas para abundante e variada produção agrícola.

Nos solos pobres e leves, predominam a mandioca, o milho, o sorgo. Nas planícies ricas do Buzi-Pingue cultiva-se em abundância o algodão. Nas terras da Zambézia, predomina o coqueiro. O cajueiro existe de norte a sul, e Moçambique, ocupando o lugar de primeiro exportador do globo, produz metade do existente no mundo.

O tabaco é abundante nas zonas litorais; O sisal dá-se mais nas partes quentes e húmidas do norte. As vertentes do Milange e do Namuli são as terras privilegiadas do chá; e com as terras altas do norte, quentes e húmidas, é ainda o hábitat da cana sacarina, como de outros produ-

Continua na página 6



PRAÇA MAC MAHON — LOURENÇO MARQUES

MOÇAMBIQUE

Continuação da página 5

tos tropicais. Dada a abundância e riqueza dos produtos, as óptimas condições geográficas e climáticas da província, o surto de progresso aplicado às técnicas agrícolas, podemos ter a certeza de que Moçambique, no futuro, pesará na balança económica do país e do mundo.

• As suas cidades crescem em ritmo acelerado

Olhem apenas para a principal que está ao sul.

Lourenço Marques — a princesa do Índico — e a capital da da Província — espalha-se circundando a baía e penetrando no interior.

É a cidade das ruas que se cruzam, em grandes rectas, ornadas de árvores que a fazem fresca, de verão, e bela, no odor da primavera; é a cidade dos ricos e modernos casarios, alguns deles em arranha-céus; dos complexos comerciais, onde o europeu, o africano, o chinês, o japonês, o indiano, o monhé, fazendo dela uma cidade cosmopolita, se aprumam na exposição dos mais belos e ricos artigos, produto da sua terra e do seu povo; é a cidade com a vida retintamente portuguesa, em contraste flagrante com o ambiente sul-africano, com os seus cafés e estabelecimentos afins, onde os africanos da zona austral se comprazem nos seus fins de semana e os portugueses radicados também ali, se recordam da sua terra natal e repousam tranquilos, por algumas horas, como em braços de saudosa mãe. Como é bom viver aqui, diz o português que chegou de Johannesburg.

• Moçambique desperta para o turismo

Ainda na cidade, desçamos à praia de Polana. Que frescura e que beleza. Os seus jardins, o seu casario, a sua proximidade da cidade, fazem dela o óasis preferido do sul-africano.

É as suas praias continuadas costa acima, em formigueiro de gente, que, do interior do Continente, buscam as águas frescas.

O parque da Gorongoza, com a sua rara riqueza em fauna e flora e o seu agradável clima de altitude é o ponto-mira dos olhares de muitos turistas que, das várias partes do globo, querem conhecer

de perto a riqueza e variedade de animais que a natureza pródiga ofereceu ao homem para admirar e se servir.

• O nosso maior valor de Africa

Mas o que sobreleva a tudo isto, no progresso, é o trabalho feito na valorização do próprio homem nativo.

O português, dada a sua situação geográfica e as suas condições de clima e sobretudo a sua capacidade de receber tudo o que de belo e grande os povos possuem, tornou-se o homem «universal».

Recebendo dos Fenícios, dos Gregos, Cartagineses, Celtas, Romanos, Suevos, e outros povos, ao lançar-se para outras paragens e ao contactar com outros Povos, sentiu a necessidade de retribuir, dando, como havia recebido. E o Português deu-se, aceitando os Povos, sem distinção de raças, como irmãos. E foi este o segredo do nosso triunfo. E é este o alto valor que possuímos em África — base da valorização que damos aos povos nativos.

A fé no Deus único de Cristo Salvador que ali levamos é libertação daquele peso esmagador de superstição e abertura para uma salvação feita no progresso, na humanização, na aquisição de valores sobrenaturais que faz dos homens, filhos de Deus e herdeiros da Pátria celeste.

O amor da Pátria unificou-os, comunicando-lhes o sentimento de Nação.

Agora, sentem que são um Povo que, apesar de disperso, caminha junto, na vida; e, na igualdade de direitos e deveres, trabalha, na esperança e quase certeza dum futuro risonho de paz e felicidade.

O sentimento de fraternidade, que sempre nos caracterizou, levou-nos à educação dos nativos, no plano educacional e cultural. E para os libertar das dores que atormentavam os seus corpos, não receámos eliminar pela raiz os focos originários de tanta miséria e curar, ao mesmo tempo, os males de que já sofriam.

É eis porque, em Moçambique, se reuniram Congressos e se fizeram estudos vários. E eis ainda a razão por que a Província se povoou de hospitais, de escolas,

DE: G-3

S. P. M.

1314

Norte de Moçambique

MEU AMOR:

Foi com imensa satisfação que te vi pela primeira vez ao desembarcar nesta terra de Moçambique. Vinhas um pouco alvoroçado.

Direi mesmo que sabias onde pôr os pés. As malas: — essas puseste-as mesmo no meio da praia; lembras-te? —

Olhaste para mim e nem sequer me ligaste importância; pouco depois fui-te apresentada e observei que te encontravas nervoso; tocaste-me com as mãos e vi que me afeição e senti pela primeira vez o teu calor. Juraste não me abandonar e prometeste cuidar de mim; de princípio ainda me levaste aos bailes! — agora vais sozinho e deixas-me só. Peço-te que voltes para mim e me trates com o carinho com que me tratavas de princípio; caso contrário dar-te-ei um desgosto.

Tua fiel companheira

C. M. S. A. M.

O SABER NÃO OCUPA LUGAR

O saber não ocupa lugar e às vezes pode ser aproveitado útilmente ao serviço dos outros.

É duas coisas importantes deseja promover o nosso Jornal: a criação dum conjunto musical e dum grupo de teatro amador, que podem chegar a profissionais. Todos os interessados dispostos a alguns sacrifícios podem dirigir-se à Redacção deste Jornal. O saber não ocupa lugar.

Nota da Redacção

de igrejas e de todos os estabelecimentos que são a condição e a garantia dum povo civilizado, são, e progressivo, português e cristão.

* * *

Moçambique de 1498; Moçambique de 1970.

Mercê dos factores geográficos e climáticos que são a sua riqueza, e sobretudo, da alma nova que o Português infundiu ao seu Povo, nós descobrimos-te, o mes-

mo de sempre, sempre nosso e sempre nós, radicado no passado mas surgindo sempre novo e actual, preso ao atavismo ancestral dos teus avós mas sempre em esforço de libertação, de progresso, de renovação.

Por isso, orgulhamo-nos de ti, e partimos alegres a defender-te, a libertar-te, a engrandecer-te. E que, contigo, nós próprios nos libertamos; engrandecendo-te, tornamo-nos maiores.

Somos um e único Portugal.

Passatempo



O Riso de rajada...

NAMORO & PIRIPIRI...!

— Querido, gostas de mim?
— Muito!
— E depois de casados, também gostarás de mim?
— Certamente minha querida! Sempre gostei de mulheres casadas!

— Qual é a coisa que caminha mais depressa?
— É o comboio?
— Não.
— É a electricidade?
— Também não.
— Então não sei.
— São os noivos. Um minuto

antes de se casarem estão no Cabo da Boa Esperança. Um minuto depois acham-se nos Estados Unidos.

— Ainda estás noivo da Júlia?
— Já não!
— Era um bom estafermo!
— Como é que te descartaste?
— Casámo-nos!

Definições

AVÓ (ou AVÓ) — Agente de publicidade do neto.
BEBÊ — Criatura infinitamente barulhenta numa das extremidades e completamente irresponsável na outra.
CAMISOLA — Peça de vestuário que o menino (ou menina) tem de usar, sempre que a mamã sente frio.

Exercício de redacção

Numa Escola de adultos A VACA

A vaca tem quatro patas. As dianteiras e as traseiras e depois o rabo que ainda tem pelos. Debaixo da vaca está a leiteira. Com o rabo enxota moscas; o marido da vaca é o boi, não dá leite e por isso é mamífero. Dos chifres preparam-se os botões de madrepérola. A vaca é muito útil. Come-se por dentro e bebe-se por fora.

C. M. S. A. M.

Pilha de palavras

- ... L ... — Calosidades
- ... U ... — Signo de Zodiaco
- ... I ... — PU. Portuguesa
- ... S ... — Pessoa parecida com outra
- ... V ... — Transportar
- ... I ... — Arremessa
- ... E ... — Noite
- ... G ... — Utensilio de desenho
- ... A ... — Agradecido
- ... S ... — Tostar
- ... D ... — Desistir
- ... O ... — Mudança
- ... C ... — PU. Portuguesa
- ... A ... — Charrua
- ... R ... — Viatura
- ... M ... — Alimentar-se
- ... O ... — Quer muito
- ... N ... — Nome de homem
- ... E ... — Nome de planta
- ... V ... — Amanhar a terra
- ... E ... — Rua estreita
- ... S ... — Restos mortais

(Solução no próximo número)

BORGES DA CUNHA
Furriel Miliciano

ANEDOTAS

— Sinto muito a morte do teu pai. Quais foram as suas últimas palavras?

— Nenhumas. A manhã estava perto...

— Não faço questão de cor ou de feitio, mas quero uns sapatos com saltos baixos.

— Para usar com quê, menina?
— Com um sujeito baixo, gordo e entrado na idade.

Na loja de artigos desportivos.

— Estes pára-queidas são garantidos?

— Garantidíssimos. Se eles não abrirem, o Senhor volte cá, que lhe devolvemos o dinheiro.

Numa estação de caminhos de ferro, um passageiro pergunta ao chefe.

— A que horas parte o comboio das 10,45 h.?

— As onze menos quinze.

— Que transtorno me faz esta mudança de horário!

MARIO VIEIRA

1.º Cabo Escrit.

N.º 13770269

Adivinhas populares

Não me podem pôr na rua,
Vento ou frio não me importa;
Moro em casa sem janelas,
Nunca passo além da porta.

Oh! que lindos amores eu tenho!
Oh! que lindos, oh! que ingratos!
Andam por dentro das botas
E por fora dos sapatos.

(Solução no próximo número)

BORGES DA CUNHA

Furriel Miliciano

Viana do Castelo

Princesa do Lima

Continuação da página 3

Concílio de Trento, que os «Iminentíssimos Cardiais precisavam duma Iminentíssima Reforma».

O «Porto» de Viana, com pergaminhos na história de Portugal, procura manter a importância dos tempos antigos. Dele partiram as Caravelas do famoso mareante João Álvares Fagundes, que foi o descobridor do Banco da Terra Nova, para a pesca do bacalhau. Do movimento do séc. XV e XVI, nada mais resta hoje do que o necessário para o consumo interno da região. Por outro lado, ganham cada vez maior relevo dentro da economia nacional e distrital os «Estaleiros Navais de Viana do Castelo». Apesar de todas as dificuldades, o crescimento deste sector tem sido rápido e eficaz, o que muito contribui para o bem-estar das populações.

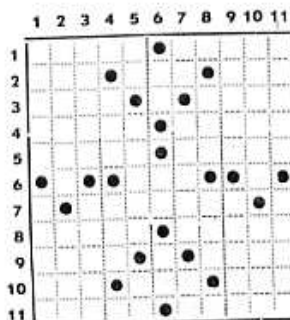
Finalmente, fazendo minhas as palavras de Ramalho Ortigão — sinto-me na obrigação de declarar que nunca, em parte alguma, se vêem mulheres mais bonitas do que as outras que se encontram pelas terras de Viana. Impressionado por este fenómeno — continua Ramalho Ortigão — procurei explicá-lo e cheguei a esta conclusão. — a mulher do campo de Viana é a mais linda de Portugal pela simples razão de que é, entre as mulheres portuguesas, a mais bem educada. A mulher do campo é tão simples e bela como a natureza que a rodeia, tão doce e atraente como as flores que a circundam com uma vida tão sossegada que faz lembrar as águas tranquilas do rio Lima:

«O rio que verás tão sossegado
Que te parecerá que se arrepende
De levar água doce ao Mar»
[salgados]

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 — Instrumento que faz parte do talher (pl.); Dá massagens a; 2 — Herdade delimitada por marcos (ant.); Olé; Figura que simboliza o povo americano; 3 — Passados; Cabo da costa de Portugal; 4 — Possuïrem; Sacar; 5 — Guarneço de arames; Sacrifício; 6 — Rate; 7 — Volume grande (Fig.); 8 — Casta de pêssegos; Irmão de Moisés; 9 — Combino; Forma antiga de Sara (deserto); 10 — Fluido oeriforme; Transpira; Mágoa; 11 — Jeiro; Carvão incandescente.

VERTICAIS — Acto; Some (fig.); 2 — Brilhara (fig.); Içar; 3 — Filtrara; Notifico; 4 — Preposição; Atilho; 5 — Isolado; Grande borboleta de cor metálica da América do Sul; Apelido; 6 — Vi; O sono das crianças; Pronome pessoal; 7 — Em partes iguais; Mitra do pontífice; Prefixo que designa afastamento; 8 — Viscera dupla; Está morto; 9 — Planta vivaz e medicinal; Freguesia do conelho da Covilhã; 10 — O mesmo que acasala; Cinchos; 11 — Fruto da amoreira; Ecoara.



Acção do Movimento Nacional Feminino de Viana do Castelo

A Delegação do M.N.F. de Viana do Castelo, como as suas congéneres do resto do País, tem procurado, ao longo destes últimos anos, assistir moral e materialmente os Militares que partem para o Ultramar em missão de soberania, e, sobretudo, prestar essa dupla assistência às suas Famílias mais necessitadas.

Assim, por ocasião da partida de cada um dos Contingentes expedicionários desta cidade, as Senhoras do Movimento assistem a todos os actos cívicos e religiosos que antecedem essa partida, oferecendo aos expedicionários, além das suas palavras de estímulo e conforto moral, jogos, objectos de uso pessoal, aerogramas, livros e revistas, instrumentos musicais, etc., além de artigos religiosos, como imagens, terços e outros.

Quanto às Famílias mais necessitadas, dentro das limitadas possibilidades materiais de que pode dispor, tem oferecido roupas e agasalhos, pago consultas médicas, radiografias e medicamentos, alugueres de casa, etc.. Mantendo-se em contacto com elas, e, ao mesmo tempo, com os Militares ausentes no Ultramar, para o que dispõe de um conveniente ficheiro, tem procurado assegurar a correspondência entre aqueles soldados e as suas famílias, obtendo informações a respeito dos mesmos, junto dos Ex.mos Comandantes das Unidades,

dos Batalhões ou dos S.P.M., sempre que as notícias dos militares cessam ou se tornam menos frequentes.

Em relação aos que, doentes ou feridos em combate, se encontram internados nos Hospitais Militares, além de procurar obter informes sobre o seu estado de saúde para os transmitir às respectivas famílias, contacta esta Delegação com as Delegações Distritais da área onde estão instalados esses hospitais, pedindo-lhes para os visitarem e os confortarem moralmente no seu forçado isolamento.

Além da assistência moral e material permanente dispensada às famílias dos militares, pelo Natal costuma, ainda, fazer distribuição de roupas, géneros e outros, às famílias necessitadas, dentro das possibilidades de que possa dispor de momento, e com o produto das campanhas «Natal do Soldado», dos auxílios recebidos de entidades particulares, e do subsídio recebido da Ex.ma Comissão Central.

Tudo isto é levado a efeito na compreensão plena de que é um simples dever humano e patriótico dar todo o apoio possível, moral e material, às Famílias daqueles que tão nobremente estão a defender, com risco da sua própria vida, a integridade sagrada do Território Nacional.

A Presidente do Movimento Nacional Feminino de Viana do Castelo

Mensagem de Gratidão

Nesta hora dolorosa, em que os espinhos da guerra atingem algumas das partes do Corpo Nacional, quando tantos rapazes são lançados para longe dos seus lares, das suas famílias, das suas terras, não quis a «Mulher Portuguesa» estar alheia a tão infausto acontecimento.

Bem haja! Mulheres de Portugal!

Se a nação exulta! não se dá pela vossa presença. Se Portugal sofre lá estais vós como mães carinhosas para aliviar a nossa dor.

Por isso, o Exército Português através das páginas deste simples jornal, quer prestar-vos a homenagem de que sois dignas merecedoras e dizer bem alto que vós sois a «Honra do nosso povo». Quando se escrever a história destes anos heróicos, se há-de fazer justiça a um exército, que, com ser da rectaguarda, nem por isso deixa de combater menos eficazmente: «O Movimento Nacional Feminino», desconhecido duns e denegrido por outros. O seu trabalho é daquelas tarefas que facilmente passam despercebidas a olhos menos atentos. É, aliás, seu lema trabalhar por Deus e pela Pátria.

Silenciosas são as suas armas mas têm o condão de incutirem coragem onde sobra a bravura.

Dão do que têm e só um pesar lhes fica: mais não terem para dar. Que Deus abençoe esse exército de salvação Nacional.

Assina:

O Batalhão de Caçadores 2908

MINHA VIDA SEM TI

Um dia de Verão calculei
Que seria minha vida sem ti
E então assustado senti
Que em nada me tornei

Vi o Verão tornar-se Inverno
A manhã na noite morrer
O Céu arder no Infinito *inferno*
A vida em morte se converter

Vi o mundo de espada munido
Entre os dentes, dilacerando
O belo que ia encontrando
Todo o coração enternecido

Cheguei-me então mais a ti
E achei-me em segurança
Foi-se todo o horror que vi
Voltou a reinar a Esperança!!!

JOYSE ALEXANDRE
Furrriel Milliciano